
Identidade e formas sociais de individualização¹

Guida Proença de Castro Marins

I - Considerações Iniciais

Esta comunicação baseia-se num trabalho de investigação efectuado para a tese de dissertação de Mestrado, na U.N.L.

Um dos objectivos que esta investigação visou, foi escutar os **operários dos lanifícios**, antes que acabassem de todo. Depositários de saberes ancestrais, em nome de quem muita gente e instituições falaram, mas que muito pouca vezes foram ouvidos como sujeitos das suas próprias palavras. Foi das suas palavras (material recolhido) que construímos os dados para análise.

II - Orientações metodológicas

O trabalho de investigação que esteve na base desta comunicação, é uma pesquisa sociológica qualitativa, orientada pelo método indutivo, articulando os conhecimentos da sociologia compreensiva com recolha de dados e técnicas de análise, numa relação de reciprocidade.

A teoria não pré existe à pesquisa, mas é produzida por ela. Está enraizada nos dados recolhidos, que podem ser de vária natureza (observação directa, literatura, estatísticas, entrevistas, etc.). Uma teoria constrói-se a partir de dados no final de uma pesquisa indutiva, por inferência, a partir de operações de pesquisa consideradas como etapas da teorização.

No estudo em questão o objectivo não era encontrar “luta de classes” ou “frustração colectiva”, porque isso não ajudava a conhecer e compreender condutas específicas socialmente situadas. O que procurava compreender era as lógicas que orientam, organizam e dão sentido às práticas quotidianas.

Ao querer compreender a identidade como produto da socialização pela articulação de dois processos identitários heterogéneos, também a individualização (outra forma de olhar que considera o indivíduo como lugar de observação da realidade social) se explica pela socialização. Assim para poder aceder às transacções subjectivas como às objectivas, aos processos de socialização, às rupturas como às continuidades das construções identitárias, é imprescindível, na nossa perspectiva, não só escutar o que as pessoas dizem, saber escutar, mas também aplicar-lhe o tratamento mais conveniente.

Acreditando que os homens são “...produtores activos do social, depositários portanto de um saber importante que é preciso agarrar pelo interior...” (Kaufmann 1996:23), é tarefa do investigador ser capaz de interpretar e de explicar através dos dados recolhidos.

III - Análise dos dados

Os operários construíram a sua identidade num contexto económico-social e político que após o 25 de Abril de 1974 se modificou completamente. Todos os espaços em que se movimentavam foram atravessados por mudanças que desorganizaram a construção existente. Foram de repente confrontados com realidades totalmente desconhecidas, com novas normas de organização social, económica, política, com a emergência de um quadro de valores apelando à participação, à democratização, ao acesso a patamares de poder dos quais tinham estado sempre excluídos.

Depois deste primeiro embate, novos se seguiram de menor amplitude mas de maior persistência. Todo o universo do trabalho vai sendo progressivamente abalado acabando por ruir, ao mesmo tempo que vão surgindo novos processos de modernização tecnológica e de mudanças organizacionais nas empresas, nas administrações, nos serviços, que vão dando ou subtraindo conteúdos ao trabalho, obrigando a adopção de estratégias de conformidade ou de ruptura com os modelos emergentes.

¹ Um estudo de caso: Operários nos Lanifícios da Covilhã

Depois destes dois períodos entrou-se num terceiro, que perdura até à actualidade, e que embora a mudança continue a sentir-se, poder-se-á descrever como de uma consolidação das mudanças ocorridas até finais da década de oitenta.

Tendo como núcleo fundamental da análise as narrativas biográficas dos operários entrevistados, vamos primeiramente conhecer a representação que cada um tem da sua identidade social, através do seu percurso biográfico e profissional, até 74. Depois e partindo da identidade social reivindicada, compreender como evoluiu, se se manteve, ou como se transformou passados trinta anos.

De entre os acontecimentos mais importantes para a construção da identidade social, o trabalho como actividade exercida, reconhecida, valorizada é o domínio mais pertinente das identificações sociais para os próprios indivíduos. Por isso vamos procurar saber que papel tem a actividade profissional nas suas vidas; como articularam a identidade herdada com a identidade visada; como caracterizam as relações sociais e profissionais com os seus pares e com os detentores do poder: patrões, sindicatos, superiores hierárquicos; como articularam consigo próprios e com os outros as mudanças ocorridas nos conteúdos do trabalho, nas técnicas e na organização das empresas; que estratégias usaram para se reconstruírem identitariamente e se adaptarem ou não aos novos modelos de identidade social disponíveis institucionalmente; que leitura fazem do social actualmente, comparações positivas e negativas do hoje face ao passado, nos processos relacionais e biográficos nos locais de trabalho e nos de lazer. Como cada um dos entrevistados define o período revolucionário e que relações se podem estabelecer entre a sua análise desse período e a identidade social (re)construída.

Nesta investigação, para além dos procedimentos recomendados nos manuais quanto à elaboração das entrevistas, aos critérios de selecção dos entrevistados, à condução das entrevistas, entre outros, dedicamos especial cuidado científico à construção dos dados, que passou por várias fases: A primeira foi a retranscrição, para transformar uma conversação oral e face a face, um diálogo, num texto escrito, que comportasse também os traços não verbais da conversa, de tal modo que permitisse a análise das estratégias discursivas do sujeito; depois houve que procurar em cada entrevista a sua *coerência singular*, e também o *código narrativo* orientador da categorização do social; Tratando-se de uma análise qualitativa em que se procura através da situação dialógica e discursiva aceder aos processos de construção identitários aos quais se refere o narrador e “que produz no movimento mesmo da entrevista” (Demazière, 95:1997) não podemos descurar a significação, as palavras, o uso que é feito da linguagem pelo narrador. É através dela que a realidade social pode ser observada e comparada. Para pôr em palavras o sentido subjectivo do seu percurso pessoal o narrador selecciona, agencia, liga episódios que para ele são importantes, elabora um código narrativo que, como nos diz Demazière, pode ser “interpretado como uma arquitectura de categorias sociais” (98:1997). Assim e em fases diferentes da análise procuramos os códigos discursivos através da análise estrutural de conteúdos, sempre que o discurso se apresentava muito denso e imbricado, e no qual nos foi possível encontrar no próprio discurso e em conjunto, a relação de disjunção - diferenciação interna - e a relação de conjunção - ligação dos elementos dicotómicos anteriores a uma categoria externa que lhe dá o sentido.

Para além de procurar as formas narrativas, os mecanismos de produção de sentido ao nível linguístico, era fundamental orientar a análise de acordo com orientação teórica da pesquisa, ou seja descobrir no discurso o código narrativo referente ao trabalho relacional sobre si² que leva à construção da identidade. Recordemos que por identidade entendemos “o processo de construção e de reconstrução de uma definição de si que seja ao mesmo tempo satisfatória para o sujeito ele mesmo e validada pelas instituições que o envolvem e o fixam socialmente categorizando-o” (Demazière, 304: 1997). Se admitirmos ser a construção da identidade um trabalho do sujeito é, por um lado, no seu discurso, na maneira como ele se reconta as suas experiências, os seus «mundos vividos» e por outro

² • Para a noção de *trabalho sobre si* na construção da identidade, baseamo-nos também na obra de Guy Bajoit nomeadamente o seu artigo “Notes sur la construction de l'identité personnelle” publicado na *Recherches Sociologiques* 1999/2, Université catholique de Louvain, onde o autor esclarece que *trabalho sobre si* equivale a *lógicas do sujeito* ou ainda a *lógicas de construção identitária* e que comportam três tarefas essenciais: 1- fazer-me reconhecer pelos outros pelo que eu sou e fui; 2- reconhecer-me a mim mesmo pelo que sou e fui; 3- conciliar o que eu espero de mim com o que eu creio que os outros esperam de mim.

no modo como ele se trabalhou e trabalha a si próprio no seu percurso biográfico, nas várias situações do quotidiano - aprendizagens, profissões, relações sociais, procurando o reconhecimento dele mesmo e dos outros (significativos), que as narrações biográficas se mostram particularmente interessantes para estudar a dupla transacção, por um lado, entre o indivíduo e os outrém significativos, entre o que ele é, o que quereria ser, e o que ele pensa que os outros pensam dele; por outro entre o indivíduo confrontado com a mudança e o seu passado.

IV - Como analisam a mudança

Num contexto de mudança como o que se iniciou em setenta e quatro, que fracturou toda a estrutura existente, e que obrigou mais cedo ou mais tarde a redefinições, re-identificações, re-socializações, pode parecer convergente uma primeira análise reportada a condições, contextos e modos de vida que, não podendo ser descurada, é no entanto para a nossa abordagem insuficiente. Na actualidade, os entrevistados revelam diferenciações de atitudes, de opiniões, de horizontes, quando confrontados com as mudanças ocorridas nas transformações do trabalho, nos modos de gestão do emprego, no papel dos sindicatos, enfrentando situações novas como trabalho a prazo, desemprego, passagem à reforma, salários em atraso. No esquema seguinte vamos sintetizar algumas das características actuais dos operários entrevistados.

	Situação Profissional	Sistema de Trabalho	Funcionament Organizacional da empresa	Principais Mudanças		Participação em associações	
				Positivas	Negativas	Sindicat o	Colectivi- dade
2. 1	Desemprego e contratos a prazo	Fabril	Formal	Liberdade de expressão	Relação salarial	Activa	Activa
2. 2	Funcionário	Fabril	Intermédio	Oportunidades Novas	Não refere	Activa	Activa
2. 3	Reformado	Fabril	Formal	Legitimação de direitos	Modo de estar	Negativa	Moderada
2. 4	Contrato a prazo	Fabril	Formal	Consciência digna e mudança nas mentalidades	Relacionamento entre as pessoas	Negativa	Passiva
2. 5	Efectivo	Fabril	Formal	Liberdade e melhor qualidade de Vida	Relação Salarial e Desvalorização do Trabalho	Negativa	Passiva
2. 6	Contrato a termo incerto	Fabril	Formal	Liberdade	Relação Salarial e Relações Sociais	Amorfa	Passiva

Algumas características actuais dos entrevistados

Verificamos que, para três dos entrevistados, a liberdade foi aquilo que de melhor a mudança produziu, foi o facto referido como o mais importante em todo o processo de mudança. A este, positivamente valorizado, opõem como o mais negativo, o sistema de trabalho actual, que precariza, mais hoje que no passado, a situação dos operários.

Para outro, o reconhecimento da legitimidade dos direitos dos operários, não só como valor moral mas como prática a exigir quotidianamente aos patrões, foi a mudança mais importante, mas, e opostamente, os operários não a valorizaram assim, preferindo não modificar os seus comportamentos relativamente aos patrões, mas, e duplamente negativo, modificaram o seu modo de estar uns com os outros.

Noutra entrevista, a consciencialização de si, a maneira como passa a ver a sua própria existência e a da sua classe, reconhecendo a si mesmo e ao colectivo dos trabalhadores a capacidade interventiva no social e na própria mudança, foi o facto mais importante, até porque essa consciencialização, depois de adquirida, não mais se apagará. A utilização que depois cada um fará dela, a forma como gerem a sua vida relativamente a si mesmo e aos outros, é que vai introduzir modos de relacionamentos diferentes, em muitos casos negativos. São as relações

sociais actuais dominadas pelo individualismo, que opõe, como sendo a mudança mais negativa.

Há também um entrevistado para quem as mudanças positivas são as estruturais e nestas as que permitem a realização pessoal, não mencionando aspectos negativos. O seu objectivo foi desde sempre melhorar a sua vida, quer antes das mudanças quer depois. Estas vieram proporcionar uma maior oferta de oportunidades, dito de outra maneira, vieram permitir a livre afirmação e desenvolvimento do indivíduo. Melhorar, significa nesta entrevista, instalar-se, ganhar mais dinheiro e por via disso ascender a um outro estatuto, o que concretizou. Vê a mudança por um prisma individual. Os aspectos positivos que refere permitiram-lhe concretizar individualmente as suas aspirações antigas, não fazendo menção nem à classe nem aos operários. Quanto a aspectos negativos, não os menciona.

Podemos condensar a análise da mudança no seguinte quadro:

Aspectos da mudança

Positivas	Liberdade	Legitimidade de direitos	Consciência digna	Oportunidades novas
Negativas	Sistema de trabalho	Modo de existir	Relações sociais	Não refere

A um certo nível de abstracção podemos condensar da seguinte forma:

[Liberdade, legitimidade de direitos, consciência digna] = «cidadania»

[Sistema de trabalho, modo de existir, relações sociais] = «emancipação»

o que permite opor cidadania/emancipação e traduz uma percepção da mudança na qual a sua apreensão e influência abrangem a sociedade (local e nacional), sendo que, a distinção é feita relativamente à concretização ou não, das expectativas criadas. O que se concretizou foi a cidadania "concessão de direitos abstractos e universais" (Santos, 1997: 225) o que não se conseguiu foi a emancipação.

(+) **Cidadania** / **não emancipação** (-)

Uma outra forma de explicar a mudança é, percepcioná-la a partir do espaço individual, e analisar a sua influência relativamente às concretizações individuais do sujeito, ou seja, as expectativas criadas e as concretizações efectivadas referem-se a si próprio.

Esta forma de percepcionar a mudança partindo do individual e oposta à anterior chamamos de individualista.

Podemos, na análise feita aos discursos dos entrevistados, evidenciar duas formas de percepcionar e de dizer os aspectos mais positivos e mais negativos da mudança, opostas. Uma que percepciona a mudança a partir do espaço colectivo, outra a partir do individual, de onde

Espaço de percepção:

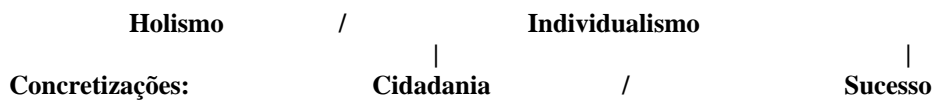
Holismo / **Individualismo**

Relativamente aos aspectos mais negativos, vimos que, os que valorizam positivamente a cidadania, por adquirida, opõem a esta a não emancipação, o que manifesta a leitura da mudança nos aspectos negativos, também a partir do colectivo. As aspirações que queriam concretizar inscrevem-se na esfera do todo social e não na esfera do individual.

Ao individualismo opõe-se um conjunto vazio, pois, o espaço de concretizações possíveis, de oportunidades de realizações pessoais continua em aberto, uma vez que as suas expectativas de concretizações são individuais, o seu interesse não é o colectivo mas o individual, o que vai a par da própria mudança. Permite-lhe sentir-se «instalado», e acreditar nas suas capacidades de adaptação (não assume pertenças nem ligações ao passado) para efectivar as suas expectativas, o que dependerá da legitimidade destas, e de si próprio. No todo social é hoje mais legítimo defender interesses individuais que colectivos.

O gráfico seguinte agrupa a informação da análise da mudança

Espaço de percepção:



Estamos em presença de duas formas opostas de analisar a mudança. Numa ela é percebida a partir do todo social, e avaliada pelas concretizações reais inscritas no todo que lhe serve de origem. Na outra, quer as concretizações quer a percepção, estão ligadas a posturas práticas e mentais, independentes dos interesses colectivos.

V - O enredo e a argumentação – Conclusões

Temos duas formas opostas de argumentar e de elaborar o enredo, no conjunto das entrevistas analisadas neste trabalho. As mudanças, a leitura do social, o discurso produzido, são o resultado de um processo de interiorização, de transformação, de apropriação, de combinação, da subjectividade de cada um com o espaço social em que habita.

Propusemos aos entrevistados que nos contassem como tinha sido o seu percurso biográfico desde a infância até à actualidade, na fábrica e na colectividade recreativa, distinguindo lugares e tempos, para procurarmos compreender a que esteios ancoram a sua identidade social. No final deste trabalho de investigação, operacionalizamos as oposições sintetizadas nos pontos 1 e 2 com os conceitos de tempo e espaço e inferimos as oposições:

Espaço de percepção e de concretização:



Tempo de referência:



De onde podemos inferir que estamos perante duas formas opostas de contar as experiências vividas, de encarar o presente e perspectivar o futuro.

Uma delas firma-se num conjunto de crenças subjectivas, onde se articulam os valores da solidariedade, da igualdade, da entrega mútua, da lealdade, onde há uma apropriação do colectivo pelo individual e da expressão do individual no colectivo, em que o tempo de referência é o passado.

A outra centra-se em valores promocionais individuais prospectivando o futuro.

Em qualquer dos casos, cada uma das formas é o resultado de um processo de interiorização do social, que depois de gerido, misturado, amassado, vai determinar comportamentos possíveis.